



MEMÓRIAS DE PROFESSORES: POR UMA PARTICIPAÇÃO NO EXERCÍCIO DA DEMOCRACIA

Dayane Freitas De Lourdes¹
Marlene Gonçalves Gonçalves²

RESUMO

O presente artigo “Memórias de professores: por uma participação no exercício da democracia” emergiu nas reflexões e estudos do projeto “Gênero, vida e ação: Memórias de docentes que atuaram nas esferas federal, estadual e municipal em Mato Grosso”. O Objetivo do referido artigo é refletir sobre a participação de onze docentes às candidaturas e eleições ao cargo de vereador para o município de Pontes e Lacerda-MT, o recorte foi dentre os anos de 1990 a 2015. Norteamos a pesquisa pelas indagações: Quais as intenções dos professores para o ingresso na política partidária? Quais os desafios enfrentaram? Qual a aproximação de ser político e ocupar a posição de professor? A metodologia aplicada foi a história oral. Enquanto resultados notamos uma denúncia, em que as experiências na política partidária configuraram-se dentro de uma trama pelo poderem que relataram suas intenções, as contradições e as decepções instauradas no percurso das campanhas.

Palavras chaves: memórias; professores; política.

MEMORIES OF TEACHERS: FOR A PARTICIPATION IN THE EXERCISE OF DEMOCRACY

ABSTRACT

This paper entitled “Memories of teachers: for a participation in the exercise of democracy” emerged all through the reflections and studies of the project titled "Gender, life and action:

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

² Professora Doutora da Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT.

memories of teachers who acted at the Federal, State and Municipal spheres in the state of Mato Grosso". This study aims at reflecting about the participation of eleven teachers on their candidacies and elections to the position of city councilor in the city of Pontes e Lacerda in the state of Mato Grosso. This study counted on a time frame that encompasses the period from 1990 to 2015. This research was guided by the following inquiries: What are the teachers' purposes for joining at the party politics? What challenges did the teachers face? What is their sense of being political and occupying the position of teacher? The oral history was used as methodology. The findings revealed a complaint, in which the teachers' experiences on the party politics were constructed within a power struggle in which they reported their purposes, contradictions and disappointments during the course of the campaigns.

Keywords: memories; teachers; politics.

MEMORIAS DE PROFESORES: POR UNA PARTICIPACIÓN EN EL EJERCICIO DE LA DEMOCRACIA

RESUMEN

El artículo "Memorias de profesores: por una participación en el ejercicio de la democracia" surgió en las reflexiones y estudios del proyecto "Género, vida y acción: Memorias de docentes que actuaron en las esferas Federal, Estadual y Municipal en Mato Grosso". El objetivo del referido artículo es reflexionar sobre la participación de once docentes a las candidaturas y elecciones al puesto de concejal para el municipio de Pontes e Lacerda- MT, el recorte fue entre los años de 1990 a 2015. El rumbo de la investigación fue marcado por las indagaciones: ¿Cuáles fueron las intenciones de los profesores para el ingreso en la política partidista? ¿Cuáles desafíos enfrentaron? ¿Cuál fue la aproximación de ser político y ocupar la posición de profesor? La metodología utilizada fue la historia oral. En los resultados notamos una denuncia, en que las experiencias en la política partidista se configuraron dentro de una trama por el poder en que relataron sus intenciones, las contradicciones y las decepciones instauradas en el recorrido de las campañas.

Palabras claves: memorias; profesores; política.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como fulcro de discussão memórias de docentes envolvidos no exercício da democracia a partir da candidatura ou da eleição para cargo de vereador, vereadora do município de Pontes e Lacerda-MT³. A pesquisa emergiu das reflexões no grupo de pesquisa “Gênero, vida e ação: Memórias de docentes que atuaram nas esferas federal, estadual e municipal em Mato Grosso”⁴.

A partir dos depoimentos dos professores constatamos experiências no campo da política e, nesse aspecto escutamos as diferentes vozes que ecoaram conceitos e significados para esse ingresso ou apenas o envolvimento na política partidária. Os referidos professores narraram percalços, caminhos e o perfil daquele que toma a decisão de ser “político”⁵. Interessou-nos compreender essa participação em processos democráticos. Destacamos que nos depoimentos houve um número maior de mulheres.

As problemáticas da pesquisa em questão foram: Como foi a tomada de decisão para o ingresso na política partidária? Como deu-se essa experiência? Como suas vidas foram marcadas por essa experiência? Há uma relação da figura do professor com a do político?

O período de candidatura dos depoentes compreende os anos de 1990 a 2015 e apenas onze professores participaram da coleta dos depoimentos, a qual ocorreu no ano de 2016, os demais não localizamos no município; destacamos que nem todos foram eleitos ao mandato, apenas dois estavam legislando no ato do depoimento.

Os aportes teóricos que calçaram a presente pesquisa foram: Weber (2011), Ricoeur (2007), Arendt (2000), Pinsky (2012), Talbak e Toscano (1982), Bossi (2003), Halbwachs (2006), Alberti (2004), dentre outros.

DECISÕES METODOLÓGICAS

O conceito de participar é aqui usado para designar uma ação que não se esgota na simples presença física, mas que se exercita no desempenho de papéis sociais e no cumprimento de determinadas funções que refletem a vontade de pertencer a um grupo ou instituição e de nele ingressar-se como parte do todo. O termo toma, pois, um sentido de ação e engajamento, e é destino, nesta medida, da simples participação como presença, como estado ou situação de quem faz parte de uma totalidade, mas disso tem consciência[...]. (TALBAK e TOSCANO, 1982, p.59).

³ Pontes e Lacerda, está situada na BR 174, à 484 km da Capital do Estado e faz divisa com Vila Bela da Santíssima Trindade, a cidade está localizada às margens do Rio Guaporé com uma população de (50.000) mil habitantes.

⁴ Projeto registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso, com o número 448/2017, sob coordenação da professora doutora Marlene Gonçalves.

⁵No sentido de participar de uma política vinculada a um partido.

Talbak e Toscano refletem sobre a palavra participação e apontam para o desempenho de papéis sociais tomada de decisão enquanto ação politizada; nessa perspectiva não é apenas estar, é emaranhar-se em um desafio pelo ingresso e representação que culminam em ações efetivas dos sujeitos.

Como ferramenta de pesquisa e metodologia utilizamos a história oral e a partir da qual realizamos a coleta de dados com professores da rede pública de ensino, todos líderes em suas comunidades no município em questão.

Para tanto, na presente pesquisa interessou-nos perceber como os docentes desempenharam suas participações no processo da democracia através da atuação partidária nos grupos políticos. Também procuramos compreender em que medida deu-se esse envolvimento e quais as lembranças pretéritas desse desafio. Os nomes dos educadores serão mantidos em anonimato, considerando a ética da pesquisa qualitativa e serão intitulados de depoente “A”, “B”, “C”, etc.

É através do fio da memória dos professores e professoras, dentro das perspectivas da metodologia da história oral, teorizada também por Verena Alberti (2004), que ouvimos os depoentes na referida pesquisa. Esses, trouxeram para às margens episódios que marcaram suas vidas enquanto cidadãos e professores atuantes na política partidária. Nosso intuito não é evidenciar as mazelas políticas, mas a partir das memórias dos docentes registrar como remontam esse momento e como isso afetou ou não suas trajetórias pessoais e de ensino.

A memória é depoimento, é o passado recontado, retomado, narrado.

[...] pela memória somos remetidos ao contato direto com algumas de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite saber como teria sido o nosso passado. (HALBWACHS, p.91, 2006).

São as impressões e lembranças dos depoentes que provocaram-nos para essa pesquisa. Nos depoimentos obtivemos uma série de revelações, “antigas impressões”, fomos atentos a forma com que a política assomou a suas vidas, observamos cada gesto, cada ação; presenciamos o choro, a indignação, expressões físicas de revolta presente no menear da cabeça, na aflição das mãos, na narrativa engasgada; comportamentos que levou-nos a entender que na participação política dos professores, sentimentos foram frustrados, e a decepção instaurou-se, e que houve marcas indeléveis nas trajetórias pessoais.

Através das memórias os professores foram relatando na própria ação ideológica e talvez utópica em participarem desse processo que deveria ser de pleno exercício da democracia.

A memória é o retorno ao passado e de uma forma descontínua apresenta uma narrativa que faz sentido, nesta acepção Ecléa Bosi (2003, p.36) acentua que “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”, para tanto, é permeada de emoções e sentimentos. O espanto, o sussurro, a respiração profunda e as lágrimas sempre traduzem o quando um momento, uma pessoa amada ou fato é uma realidade viva na memória.

Por meio da história oral, realizamos o registro das memórias e na perspectiva do que afirmou Bobbio (1997, p.97), “Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre”, dessa forma, foi possível compreender as impressões da ação no exercício da democracia.

MEMÓRIA: PARTICIPAÇÃO DOS PROFESSORES NO EXERCÍCIO DA DEMOCRACIA

Aos docentes questionamos quais as motivações em participar desse processo democrático das eleições? Os depoimentos nos condicionam para os apontamentos:

É na verdade eu comecei a trabalhar em órgão público em 2001, pela Universidade do Estado de Mato Grosso na Divisão Aberta a Distância de Educação, que na época era uma coordenadoria chamada CEAD [...] na biblioteca no departamento de Letras, também no almoxarifado, patrimônio e como coordenador é do curso que veio também nesta época o curso de Educação para Jovens e Adultos em assentamento, [...]na Secretaria Municipal de Educação onde começamos como Assessor, depois Coordenador Administrativo, Coordenador Geral [...],Secretário de Educação. [...] lecionamos para uma Universidade, uma faculdade [...]É o que me projetou politicamente e quando estava fazendo a academia nós também militamos, no CEAC- Centro Acadêmico, militamos também no Colegiado Regional de Cursos, no CONEP no CONSULI. Também criamos e implantamos o diretório central dos estudantes[...]então esse foi um passo nosso que motivou a gente a militar na política do município. (Depoente A).

Outro depoente relatou:

Eu tive várias trajetórias profissionais, fui Superintendente Regional de Educação, Primeira Delegada de Ensino, Coordenadora Pedagógica, passei todo o processo político de eleição para diretor, eleições diretas, peguei o antes e o depois, [...] essa experiência não foi muito boa, porque a Universidade fazia um trabalho dentro da minha escola lá em Cuiabá. Esse

processo de democratização da escola nós passamos por ele todinho nós trabalhamos e enfrentamos muitas barreiras, quando cheguei aqui nós começamos esse processo também de trabalharmos de montar o plano global. (Deponente C).

Outro professor destacou que:

Não adianta o líder ele se impõe com sua maneira de agir de pensar. [...]Eu era metalúrgico em São Paulo, na época da faculdade, eu era metalúrgico de São Paulo, quando era greve lá ficava os guarda-roupa enfrente os portões e quem entrasse caía pau, a coisa era bruta, e eu vim pra Mato Grosso com a ideia de sindicalista que eu sempre fui. [...]Depois eu fui presidente do Sindicato na época, do SINTEP, dois mandatos, desde os 16 anos militava na Pastoral da Igreja Católica, chamada Pastoral Operária. (Deponente D).

Para Ecléa Bosi (2003, p.15) “A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”, e, são essas paixões que os depoentes expressaram que desvelaram o quanto suas vidas foram afetadas pelo ato de participação na política partidária, pois almejavam “fazer parte” e gerar mudanças, principalmente para a educação.

Todos os docentes desvelaram um grau significativo de envolvimento na comunidade, e talvez por esse fato, esperavam serem visualizados nas urnas. Diante dos relatos dos episódios é possível aferir que a maioria dos depoentes principiou do envolvimento com a educação.

No campo da política são comuns proposituras que beneficiam apenas um grupo específicos, um povo, um vilarejo, uma comunidade ou uma bandeira ideológica, percebe-se ideais que circulam dentro de um raio circular de interesses. Weber (2011) na obra “Ciência e Política: duas vocações” grafa que nenhum político atua isoladamente, os grupos representam a concentração de votos, logo o meio e não um fim em si.

À medida que ganha experiência no mundo da política, muitos percebem que uma das estratégias para se tornar político bem-sucedido é ampliar ao máximo sua esfera de relações. Assim, procuram sempre acrescentar novas redes sociais ao seu círculo de contatos, sem anular aquelas já consolidadas por experiência anteriores. Investindo em seu papel como mediador, o político torna seu mandato um espaço de convergência, estabelecendo pontes e conexões entre pessoas, instituições e saberes oriundos de diversos universos culturais. Com esse projeto, muitos conquistam e consolidam alianças em setores do poder público essenciais para atendimento à demanda dos eleitores. (KUSCHNIR, 2007, p.52).

Nenhum político projeta-se em uma figura pública isoladamente e para essa projeção faz-se necessário o envolvimento em diversas esferas; faz-se necessário imbuir-se na busca ideológica com metas e discursos que configuram-se em estratégias políticas.

Dos onze depoentes quatro eram professoras e afirmaram que entraram na disputa das eleições para preencherem as cotas obrigatórias destinadas às mulheres; e, seis dos depoentes afirmaram que candidataram-se por acreditarem que são indivíduos politizados e que estavam preparados para lutarem pela causa do povo. Nesse aspecto a constatação aproxima-se da obra de Weber (2011), pois os ingressos na política foram atos políticos e intencionais.

Os relatos traduzem os idealismos dos depoentes:

[...] dificuldades de apoio pedagógico e de apoio estrutural [...] acesso do acadêmico até a Universidade[...]percebia que poderia fazer algumas ações e vamos dizer assim com menos recursos[...]mais ações e não era implantado. (Depoente A).

Eu sempre achei bacana ajudar o povo, participar da vida do povo, ajudar o povo a realizar seus sonhos, sempre sonhei em benfeitorias para o povo [...] Eu sempre vi as dificuldades no transporte, na saúde.[...]Envolvida com a igreja, com a escola e depois que vim para Pontes e Lacerda comecei a militar [...]na área do povo negro.(Depoente B).

Em seguida eu já pensei em sair candidato, até mesmo porque não era uma questão de ser eu candidato, ser eleito, eu pesava para o bem da escola, de repente eu sendo um vereador eu poderia ajudar aquela região que era um assentamento eu poderia estar dando uma força um tanto quanto para a escola [...]. (Depoente E).

A política está no sangue eu sempre gostei de discurso. [...]Eu ganho tempo vendo a TV senado, as propostas, então eu sempre gostei de ler assunto de política, eu gosto de saber o que as pessoas que estão nos representando estão fazendo, eu já nasci política, mesmo no movimento negro para ver os excluídos, eu sempre pensei por esse lado [...].(Depoente F).

As referidas memórias levam-nos às afirmativas de que os depoentes projetaram-se na política objetivando prestar auxílio ao povo em suas necessidades. Não foi perceptível nos discursos a acentuação da palavra “poder”, mas as palavras contribuir, colaborar e ajudar.

Nos relatos os depoentes destacaram o jogo do poder na política partidária. Para Weber (2011) é através da política que os homens têm acesso ao poder. Para Arendt (2000, p.192) é “na ação e no discurso, que os homens mostram quem são, revelam ativamente suas atividades pessoais e singulares”, diante do exposto, é na ação de homens políticos que compreendemos a busca pelo poder e ainda que o discurso negue isso, as diversas alternativas

e estratégias que os políticos aderem-se para chegarem ao poder diz muito sobre o espaço da política.

No entanto, nos episódios relatados pelos professores da referida pesquisa, não há mostra de busca pelo poder, pelo contrário, os ideais do povo e para o povo vieram em primeiro lugar, mas mesmo diante dessa tomada de consciência, evidencia-se que compreendem perfeitamente o que é uma prática de política partidária e qual a intenção dos grupos envolvidos.

Nos depoimentos evidenciamos o desejo desses docentes em mudar uma realidade caótica, ao que nos parece os professores carregam em si o poder de transformação da sua própria atuação docente, porém nas campanhas foram desconstruindo essas intencionalidades e suas reais possibilidades; defrontaram-se com um olhar que remete a constituição da relação do próprio político com a “coisa pública” e que aponta para uma descredibilidade atávica.

Por outro lado, a crise na confiança da população em relação aos seus governantes não pode ser atribuída somente ao contexto externo: num país como o nosso, em que muitas vezes a “coisa pública” foi tratada como “coisa nossa” pelos grupos no poder, em detrimento da imensa maioria da população, a baixa confiança da população nos “políticos” é quase atávica. (Pinsky et al, 2012, p.546).

Nos depoimentos notamos que falavam de um tempo vivido e de uma experiência intensa. Notamos que para os professores que possuíam maior projeção na política, estes ecoaram lembranças pretéritas permeadas de ressentimentos e frustrações, pois almejavam ter a chance de experimentar aquela participação em sua plenitude.

Outra indagação aos depoentes foi: Que marcas a política deixou para a sua pessoa? O repúdio, indignação e inconformismo foram emergindo das falas dos depoentes, os quais presenciaram nos bastidores da política as contradições e mazelas humanas; apenas dois deles não mencionaram o jogo de poder no qual viram-se emaranhados. No entanto, os demais descreveram suas percepções da “máquina política das eleições”, muitos nomearam de “jogo sujo” (Depoente “E”). Dentre os relatos estão de dois vereadores que atuaram no parlamento, eleito pelo sufrágio e que, em seus relatos, nada divergem da opinião dos demais que não foram eleitos.

Diante dos depoimentos transcrevemos os desapontamentos:

[...] querem que permaneçam as dificuldades ao acesso a saúde para que o político possa fazer essa interlocução entre o cidadão e o acesso as políticas públicas. (Depoente A).

Nesta casa de lei o dia em que eu cheguei aqui fiquei frustrada porque em uma das primeiras reuniões eu conversando com os companheiros da casa de lei, eu falei, puxa vida gente, somos em onze pensantes aqui, para pensar o bem comum da comunidade eu gostaria muito de estar sentando com todos vocês para estarmos discutirmos o que é que nossa comunidade precisa. O vereador virou para mim e para todos os companheiros e disse, não, você está por fora, aqui não funciona assim, tipo assim, cada um pra si e Deus para todos. (Depoente B).

Decepcionei com a política a partir dali [...]Eu vi que tudo era uma questão de armação, compra do voto, até então foi a comunidade que pediu que eu fosse que desse uma força, pois vi que desenvolvi um trabalho bom enquanto diretor ai veio o pensamento que eu poderia estar ajudando não só a escola, mas a comunidade como todo. [...]Mas aí chegou os “caciques” com o dinheiro e levou tudo, comprou tudo aquelas pessoas, aqueles eleitores que diziam serem “meus”, enfim, daí eu acabei não sendo eleito. [...]Me decepcionei muito e coloquei na minha cabeça que me formei para ser professor e não para ser político. (Depoente E).

A política levou minha esperança e o meu idealismo.[...] ver como se passa o dinheiro lá, aquele mais coercivo, que falam tem lábia boa levam mais dinheiro, ele fala: eu quero, porque eu tenho que fazer isso em certo lugar. O povo vota em quem tem dinheiro no bolso, eles falam você não dá, mas fulano dá dinheiro. [...] quem tem dinheiro leva vantagem. [...]é muito sujo, o honesto não consegue ficar lá. (Depoente G).

Para Gonçalves (2011) “o depoimento é memória”; nos relatos os depoentes reconstruíram a dimensão das injustiças que encontraram no exercício da democracia; Presenciaram também a ausência do diálogo nas decisões para o povo, uso indevido de recurso financeiros dos partidos e manobras de compra de votos como forma de atrair o eleitorado, a indignação foi traduzida no comportamento corporal e a alteração do tom da voz dos depoentes desvelaram que esses depoentes/professores não conformaram-se com o cenário estabelecido. Exceto um dos entrevistados não externou decepção ou angústia.

Outra indagação realizada: Qual a aproximação da pessoa do professor com a figura do político? Notamos que os relatos remetem ao que eles poderiam fazer de dentro da sala de aula para fora dela. Os docentes são esperançosos, pois acreditam na escola, na força da educação, nas lutas pela democracia; seus discursos são interpelados do fazer docente gerador de transformação na própria política, trouxeram as experiências de ensino que os levaram a essa ação de candidatarem-se a cargos públicos e eletivos.

Para os professores depoentes a alternativa para um país melhor está na escola, porém, para os depoentes eleitos e atuantes no momento da coleta de dados, há uma enorme distância entre política partidária e docência; relataram que esforçaram-se em ter voz, buscaram no

espaço político fazer valer as concepções de professor, atitudes acentuadas em propostas de diálogo, discussão e reflexão.

Mediante os discursos concepções foram postas:

Na verdade é assim, a política ela não tem nada a ver do que a gente imagina do lado de fora, quando a gente entra no meio, é totalmente diferente, muitas vezes os políticos pensam de forma individual e não no coletivo ou igual é a obrigação e o dever de estar nos defendendo dentro da câmara municipal, ou seja, no cargo que a gente estiver exercendo politicamente, **porém é muito difícil a gente poder, assim, conciliar o pensamento do professor com o pensamento do político**⁶, o pensamento meu como político seria de realmente fazer um trabalho de investimento, ou seja, de políticas públicas, principalmente na área educacional para que possa favorecer as demais políticas públicas. (Depoente A).

Quando estamos do lado de fora da política a gente tem uma visão quando se chega aqui dentro é totalmente diferente daquilo que você idealiza [...]Eu disse se eu chegar lá eu vou trabalhar para o povo, mas... (Depoente B).

Os professores não eleitos e eleitos trazem um discurso que apontam a incoerência e as injustiças que presenciaram nas relações internas da política partidária. Uma das depoentes eleitas posicionada como suplente assumiu a cadeira de vereança, para seu relato trouxe uma metáfora instigante para definir política:

Sabe quando você pega um novelo de linha e dá para um bebê de dois anos desenrolar, aquele baralho, aí ele vai embaralhando, embaralhando, aí você pega e fala e agora onde eu vou achar a ponta desse novelo para eu começar a fazer. Até então eu não consegui achar ainda a ponta dessa linha. É muito complexo isso aqui. (Depoente B).

Essa mesma depoente tomada de esperança e “esperança” de uma professora, asseverou que: “a escola é tudo que temos, nela talvez encontremos a ponta da linha que vai desembaralhar o novelo”. (Depoente “B”). Para essa depoente estar no exercício da cidadania através do sufrágio não é sair da posição de professor, mas é propor, é ser empoderado para mudar a realidade política, mesmo que nos depoimentos essa mudança ainda não tornou-se uma realidade, a depoente “B” ainda assevera que “mais e mais professores devem concorrer às eleições, devem estar nos espaços políticos partidários”.(Depoente “B”).

Segundo Max Weber (2011 p. 132) a questão da “vocação” está no ato de adentrar a esse mundo tenso da política e na consciência de obter influência sobre outros seres humanos.

⁶Grifo nosso.

Nesse sentido, para o autor em questão, a “vocação política” é a capacidade do político “suportar”⁷ as mazelas dentro do âmbito da política, não é acreditar que será justo, humano e idealista, mas será um jogador, um ilusionista. Na obra *Antropologia da política* (2007) a autora assinala que “a política   uma atividade de risco, requer habilidades especiais, s  encontráveis nos “políticos””. (KUSCHNIR, 2007, p.59).

Diante dos depoimentos no eco das memórias notamos que os docentes entenderam essas habilidades políticas e mostraram-se conscientes do “jogo do poder”, por isso afirmaram que é um ato esmagador de injustiça e da deslealdade dos “caciques” como apontou um dos depoentes em suas impressões sobre a política.

Weber (2011) descreveu em seu discurso tr s qualidades do homem político em : paixão (o propósito a realizar), responsabilidade (nor-teia a atividade) e senso de propor o (qualidade psicológica do político), essa discussão do teórico aponta para a fala dos docentes, porém, mediante os depoimentos não identificamos nem a paixão pelo poder e nem narcisismo ou vaidade apontadas por Max Weber nas discussões, no entanto, foi perceptível homens e mulheres que almejavam servir o povo e lutar por mais direitos sociais em prol deste.

Praticamente todos os professores desistiram de concorrerem   nova elei o, não por desacreditarem de si e das suas qualifica es, mas por desacreditarem da política partidária, não quiseram mais participar do jogo, da utopia e da ilusão apontada por Max Weber (2011).

Uma das participantes asseverou que “nasceu para a política”, alega que assim que tiver livre e aposentada vai articular com o partido concorrerá novamente às elei es, pois satisfaz-se em pertencer e participar dessa a o democrática e não importa-se em perder ou vencer, pois considera processo importante.

Destacamos que nos depoimentos não foi perceptível luta de g nero, a maior luta é a da injustiça com o candidato que não tem dinheiro para oferecer ao povo na barganha pelo voto.

Será que haveria  tica na política? Através das respostas dos professores, das experiências e da narrativa dos episódios, notamos que política e  tica distanciam-se. Como afirmar que haverá  tica em um processo político que baseia-se na violência e no poder, dentro de um contexto em que existe a barganha pela compra do voto que favorecem interesses do próprio partido.

De acordo com um dos depoentes e parlamentares que estava em exercício da vereança, o “povo não é o foco do político é uma escada para um resultado”. (Depoente “A”), nesse discurso materializa-se a afirmativa de Weber (2011) “a  tica não repousa na política”.

⁷Grifo nosso.

Segundo Weber (2011) quem deseja dedicar-se à política deve tomar consciência do paradoxo ético e da responsabilidade quanto àquilo que ele próprio poderá transformar-se sob pressão dos paradoxos da força e da violência.

Nessa reconstrução das memórias dos respectivos docentes compreendemos o quanto a participação dos professores fora desafiadora e angustiante, pois é uma ação diferente da presenciada no espaço da escola, outros valores sociais foram colocados em evidência. Os depoentes emergiram realidades que evidenciaram que ser político é bem mais do que conhecer pessoas; e que campanhas políticas partidárias não atuam como um espaço para o diálogo, em sua totalidade, o político não permanece no princípio da democracia, e quiçá a democracias se encerre no ato da apuração de votos.

Um dos depoentes reverberou: “é cada um por si e Deus para todos”, os depoentes acreditaram que sua figura de professor traria a credibilidade diante das urnas, assim almejavam participar desse exercício de cidadania. Pelos discursos podemos aferir que buscaram não perder suas convicções e não corromperem-se nesse “jogo de poder”, acentuado por Max Weber.

CONCLUSÃO

A partir da reconstrução das memórias dos docentes candidatos e eleitos para o cargo de vereador da cidade de Pontes e Lacerda, foi possível compreender que o cenário político brasileiro avançou em poucos aspectos, e que ainda permanece o jogo de poder para manter grupos na liderança do município.

Nos apontamentos finais evidenciaram que as vivências dos docentes na política foram motivadas pela ação transformadora do ser professor e também por acreditarem que suas comunidades depositariam a confiança nos mesmos, porém apenas dois dos onze depoentes/docentes, em um recorte de vinte cinco anos pesquisados, assumiram o parlamento municipal.

Os professores desvelaram que os ideais que possuíam não foram suficientes para elegerem-se. O ato de participação da democracia fora interrompido por grupos inescrupulosos e pela força do jogo sujo do poder. Os docentes foram vencidos não pela incapacidade de defender seus ideais, mas por não usarem dos mecanismos sórdidos do jogo da política, foram vencidos nas urnas, mas sentiram-se vencedores, pois ainda acreditam que

através da educação e por meio de cada ponto e vírgula ensinados na escola podem transformar a mentalidade do povo.

A política é um espaço para o professor, seguramente é ele quem deve estar no parlamento, pois é ele quem também está preparado para a arte do diálogo, da crítica e da luta por um país democrático. Porém suas principais barreiras talvez sejam por pertencerem ao grupo de vozes vencidas na história, uma maioria que é tomada politicamente por minoria, barreiras estas evidenciadas também no desrespeito e na desvalorização da carreira docente.

REFERENCIAIS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ARENDT, Hannah. *Compreensão e Política e Outros Ensaio*s. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.

BONACHI, Gabriela. GROPPI, Angela (org.). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. Trad. De Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia (org.). *Memória (res)sentimento: Indagação sobre uma questão sensível*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 5ªed. Ática: São Paulo, 1995.

CRUZ, Maria Isabel da. *A mulher na igreja e na política*. São Paulo: outras expressões, 2013.124p.

GONÇALVES, Marlene. *Fragmentos da memória subterrânea das usinas de açúcar: Aricá, Conceição, Flechas e Maravilha*. Curitiba-PR: CRV, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. (trad. Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.

KUSCHNIR, Karina. *Antropologia da Política*. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Coleção Passo a Passo.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2014

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. – São Paulo: EPU, 1986.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Apresentação. In: PINSKY; PEDRO, Joana Maria (Org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi (org). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____ **Revista Trabalhos da Memória – Projeto História**. Nº 17, novembro de 1981.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

TALBAK, Fanny. TOSCANO, Moema. *Mulher e Política*. Paz e terra: Rio de Janeiro, 1982.133p.

WEBER, Max. *Ciência e Política- duas vocações*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Moda. – São Paulo: Cultrix, 2011.